

A ASCENSÃO DA PAIDEIA CRISTÃ: O FAZER PEDAGÓGICO DE JESUS COMO FUNDAMENTO DE UM NOVO IDEAL EDUCATIVO

Max Bruno Damasceno¹
Charles Lamartine de Sousa Freitas²

RESUMO

A *paideia* é um conceito surgido na Grécia antiga que designa a formação do homem grego em uma perspectiva totalizante e unitiva, trazendo consigo características muito além daquilo que entendemos de educação, mas em um aspecto geral, a formação integral do homem grego se dava através de uma pedagogia voltada para a poesia, a rapsódia, a força, a luta, a geometria, etc. A perspectiva integral da *paideia* grega era um grande ideal, só que nem todos tinham direito a esta formação integradora, ou seja, era excludente. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é apontar que com o advento do Evento Cristo, descobriremos o real sentido do fazer pedagógico cristão, pois Jesus de Nazaré instaura um projeto pedagógico que tem como cerne o amor em sua integralidade, traduzido como uma proposta de implicação com a humanidade em dimensões que levam à compreensão de novos imperativos éticos e estéticos. Os resultados da pesquisa apontam para o fato de que, mesmo com toda a riqueza da proposta educacional ateniense, o projeto educativo tracejado pela vida e prática de Jesus Cristo assume um componente que destaca o seu valor e beleza no ato de educar: a capacidade de amar ao ponto de dar a própria vida, que é, portanto, o fundamento deste novo ideal educativo. Com este trabalho, espera-se contribuir para a ampliação dos estudos paralelos das áreas de Teologia e Educação, em uma metodologia transdisciplinar, tendo uma perspectiva fundante acerca da contribuição relevante que é o estudo da *paideia* cristã e a inauguração de um novo ideal educativo através do fazer pedagógico de Jesus.

PALAVRAS-CHAVE: *Paideia* cristã. Jesus. Pedagogia. Formação integral.

¹ Técnico em Agroecologia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) *campus* Ipananguçu. Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Bacharelado em Teologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN). É membro do Programa de Pesquisa e Extensão da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (PROPEC). E-mail: max_damasceno@live.com

² Graduado em Teologia pelo Ateneo Pontificio Regina Apostolorum - Roma/Itália e em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em Metodologia e Docência do Ensino Superior pela Faculdade do Vale do Jaguaribe (FVJ). Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana - Roma/Itália. Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), na área de Filosofia e História da Educação. É Professor e Diretor Geral da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN). Tem desenvolvido atividades acadêmicas nas áreas de Teologia, Filosofia e Educação, atuando nos seguintes temas: Teologia Patrística e Sistemática, Filosofia Medieval e da Educação, História da Educação, Metodologia da História Oral e Pesquisa (Auto) Biográfica. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas, Educação, Memória, (Auto) Biografia e Inclusão (GEPEMABI) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Paideia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Membro efetivo da Academia de Ciências Jurídicas e Sociais de Mossoró (ACJUS). E-mail: charles.lamartine@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Na tentativa de aprofundar o novo ideal de formação do homem, agora em uma ótica cristã, temos o advento do Evento Cristo, descobrindo o real sentido do fazer pedagógico cristão, pois Jesus instaura um projeto pedagógico que tem como cerne o amor em sua integralidade, traduzido como uma proposta de implicação com a humanidade em dimensões que levam à compreensão de novos imperativos éticos e estéticos. Mesmo com toda a riqueza da proposta educacional ateniense, o projeto educativo tracejado pela vida e prática de Jesus assume um componente que destaca o seu valor e beleza no ato de educar: a capacidade de amar ao ponto de dar a própria vida.

Portanto, o desenvolvimento desta pesquisa, dissertaremos a partir de uma ótica voltada para a educação e a inclusão, com uma ênfase nos exemplos que a Sagrada Escritura traz, nos Evangelhos, acerca das ações de Jesus que atestam esta reta intenção que é incluir, educar e, principalmente, dar testemunho.

2 O “EVENTO CRISTO”: EDUCAÇÃO E INCLUSÃO EM NOVOS PARÂMETROS METODOLÓGICOS

O processo de formação integral do homem, desde os gregos, com o conceito de *paideia* – que não seria somente traduzido por “educação”, mas algo muito mais complexo do que isso, que seria essa formação em sua totalidade através da música, da poesia, da rapsódia –, colaborou para a formação de modelo *essencialista* de educação. Este modelo se tornou restrito a algumas pessoas da comunidade da *pólis*, e no período helenístico, da *Cosmópolis*.

Então, não eram todas as pessoas que poderiam ser formadas integralmente segundo o modelo de formação integral visado pelos gregos. Assim, “[...] os gregos tinham uma concepção do homem que pretendiam formar. Essa visão, normalmente chamada de *essencialista*, comporta uma visão idealizada do homem fundada no desenvolvimento de suas virtualidades, por meio de determinadas virtudes.” (FREITAS, 2018, p. 303).

Na passagem do período helenístico para o que se conceituou como antiguidade grega ou antiguidade cristã, temos o surgimento do cristianismo. Sabe-se que a expansão do Império Romano contou com uma estratégia utilizada por Alexandre, o Grande, de manter determinadas regiões dominadas sob a égide do poder local.

Nesse sentido, a Judeia, apesar do domínio romano, estava sob o poder das autoridades judaicas. Em meio a esse período, surge o que, inicialmente, foi considerada uma seita, dentre as várias presentes no seio do judaísmo. Seu início se deu com a pregação de João, o Batista, e continuou com a figura do *messiah*, ou seja, do Cristo, na pessoa de Jesus. (FREITAS, 2018, p. 300)

Vemos, então, que o cristianismo nasce nesse período de queda das grandes estruturas antigas de poder dominadas pelo Império Romano. “A dimensão de universalidade da mensagem cristã é consequência da superação das características do mundo antigo, notadamente local, pela emergência do poderio cultural e bélico greco-romano.” (FREITAS, 2018, p. 302).

2.1 Educação “para todos”: uma formação integradora e universalista

É situada uma grande novidade para um ideal de educação *para todos*, ou seja, a pregação de Jesus Cristo inaugura uma pedagogia do amor, de inclusão, um ideal *universalista*. Então, “[...] os desafios do cristianismo enquanto projeto pedagógico são infinitamente maiores, em função do seu caráter universalista.” (FREITAS, 2018, p. 303).

Por não ser uma manifestação religiosa das e para as elites judaicas, em seus primórdios o cristianismo já apresenta sua vocação universalista: aceita em seu entorno as mais diversas pessoas e classes sociais, aqueles que falam em seu nome, muito embora não o acompanhem de perto; empreende um périplo pelas regiões da Galileia, Samaria e Judeia dando, desde o início, esse aspecto para além das fronteiras de sua mensagem. (FREITAS, 2018, p. 301)

Desse modo, vendo o processo histórico em que Jesus de Nazaré se encontrava, era de extrema necessidade a elaboração de um modelo de formação integral e universal, *cathólíka*. Saímos da *paideia* grega, para uma *paideia* cristã, na qual temos o “Evento Cristo” como o ponto crucial para um novo ideal educativo. Então, percebe-se que “[...] a figura de Jesus é a de um Mestre, de um Educador. Essa é a inspiração original e arquetípica da Paideia ou da Pedagogia Cristã.” (NUNES, 2018, p. 73).

A primeira grande dimensão da Paideia Cristã configura-se exatamente no *movimento* de Jesus de Nazaré, situado entre os anos 1 e 33 do que definimos como *era cristã*, que é a referência atual de nossa cronologia e a base da datação universal hegemonicamente assumida no mundo atual, embora não seja única. (NUNES, 2018, p. 71)

Vendo os traços da história e olhando para a pedagogia de Jesus Cristo, torna-se possível mostrar que ele inaugura um novo ideal educativo. “A Pedagogia Cristã nascente integra, na pessoa de Jesus, a riqueza e a profundidade da mensagem com a leveza e clareza da expressão didática. Essa é uma orgânica dimensão dialética da prática cristã, bem diferente dos moldes atenienses.” (NUNES, 2018, p. 72). Dessa forma, vemos que:

A paideia cristã parte da ideia de que pela educação nós formamos o homem, pela educação nós constituímos em plenitude a condição humana. A educação na paideia cristã é, então, uma prática social de hominização, de formação do homem para viver na sociedade terrena e celestial. Essa nova paideia consiste, pois, em ampliar a dignidade do homem para o que é atemporal e não espacial, daí a ideia de uma cidade terrena e uma outra divina, na qual o cristão, esse novo homem, participa em coparticipação. (FREITAS, 2018, p. 304)

Nesta visão do que é a *paideia* cristã, inaugurada pelo “Evento Cristo”, precisa-se identificar: quem é Jesus? Qual é o seu anúncio? Qual a consequência desse anúncio para um novo ideal educativo? Para tanto, é necessário, primeiro, esmiuçar esses questionamentos para adentrar na profundidade do anúncio do Cristo, como uma novidade profunda e determinante.

A Cristologia, em síntese, é a compreensão de que, em Jesus, nós encontramos a mediação perfeita, como verdadeiro Deus e verdadeiro homem, além de ser o estudo do Cristo. Interessa-nos, especificamente, esse Deus que nos humaniza e que se implica perfeitamente na vida do homem, este Deus que não só fala de amor, mas, ao mesmo tempo em que fala, se revela enquanto amor.

A priori, “Jesus é considerado o messias diferente, que anda em meio ao povo e vive com eles e que, desde o início, sofre as mesmas perseguições.” (FREITAS, 2018, pp. 300-301). Então, Jesus, sendo Filho de Deus, contém em si duas naturezas: a divina e a humana. Ele não deixa de lado a sua humanidade, ele vive com o povo e partilha todos os sofrimentos, desejos, perseguições, etc. Ele vivia toda a condição humana, menos o pecado. Para tanto, ele surge em meio aos marginalizados e dali anuncia o Reino de Deus.

Jesus era frequentemente chamado de Mestre (Rhabi) ou, pelo menos, em diversas passagens admite que o reconheçam como Mestre. [...] A palavra Mestre, seja na tradição hebraica, na tradição grega, ou, ainda, na própria tradição romana, guarda significação moral e sentidos éticos educacionais. (NUNES, 2018, p. 72)

Jesus, como Mestre, “desenvolveu uma metodologia de ensino que buscava alcançar as pessoas no terreno em que elas se achavam. Em seus métodos de ensino, Cristo adaptava sua mensagem a compreensão das pessoas.” (SILVA, 2010, NC). Ele se faz amor, pois é Verbo Encarnado, e não deixa de ser palavra eterna, ele continua sendo palavra, mas, assim como na criação, é *gesta et verba*, ele fala e cumpre, faz acontecer. O Jesus que fala e faz acontecer é o que vem instaurar um Reino e esse reino tem como a centralidade o amor, plenamente revelado, não em sentimentos, mas na prática da justiça, da paz e da caridade.

E para a instauração desse Reino, Jesus coloca um caminho pedagógico, não como uma pedagogia propriamente clara, mas o seu ensinamento por si só já oferece uma didática, um itinerário a ser cumprido. Compreendemos este itinerário como um caminho catequético, pedagógico.

Na crença que se formou em meio ao judaísmo e se desenvolveu em meio às camadas mais populares, esse homem que se torna cristão, via de regra, não tinha cultura formal, não tinha conhecimentos elaborados. Falava uma linguagem rude, dos mercados, comum (daí o grego *koiné* ser a base dos textos dos evangelhos) e era, normalmente, analfabeto. Isso implicou um enorme esforço para levar adiante o processo de “ensinar” os elementos básicos dessa fé. (FREITAS, 2018, pp. 303-304).

Deste modo, o itinerário pedagógico e catequético que Jesus trilha é o de ensinar as pessoas através de uma maneira simples e eficaz, pois as pessoas a quem a pregação de Jesus era destinada eram pessoas simples, de um pouco aprofundamento da letra, e, em partes, analfabetos. Por isso que uma das maneiras mais costumeiras de Jesus se dirigir aos seus discípulos era por meio de *parábolas*, uma maneira didática de se utilizar de uma narrativa alegórica para transmitir um ensinamento de fé ao seu povo. Jesus era um homem como os outros:

Jesus caminha entre as pessoas, ele anda pelos espaços públicos e pelas estradas de seu tempo; prega e educa a todos nos diferentes espaços de sua esfera de vida e de convivência, no caminho, na sinagoga, na festa de bodas, na montanha, na sala de visitas, na praia do lago, nas festas, etc. Sobressai sempre a tese de que Jesus usa a palavra. Ele destaca algumas de suas principais ideias, sintetiza-as e as conclui, marca as principais teses, constrói didaticamente seus argumentos e ordena as premissas de seu discurso. (NUNES, 2018, pp. 72-73)

Assim, temos a presença de um Jesus histórico, que viveu entre os seus e veio para passar uma mensagem: a mensagem do amor. Cristo mostra a sua identidade quando traz consigo a Boa Nova do Reino de Deus, que é justiça e paz andando juntas por meio da caridade. Sem a caridade é impossível estar no caminho que o próprio Jesus nos aponta.

A prática pedagógica do amor, em Jesus Cristo, ganha uma nova forma quando ele reconduz os marginalizados para o seu devido lugar na cidade. Não seria apenas uma *pólis* ou uma *Cosmópolis*, como falamos no início desta seção. Estes modelos de cidade e, conseqüentemente, os modelos educacionais estão ultrapassados, pois estão na forma do que é essencial e não do que é universal.

A dimensão universalista do cristianismo é ainda mais interessante, porque, nascido como uma seita dentro de uma seita - pelo menos era assim que os romanos consideravam o judaísmo e, por tabela, o cristianismo -, ele se expande e ultrapassa as fronteiras de um povo, de uma nação e de uma religião, tornando-se a mais universalista de todas as religiões, a mais aberta entre todas as nações e a mais acolhedora entre todos os povos, ultrapassando o aspecto espiritual para uma dimensão política diferenciada. (FREITAS, 2018, p. 306)

Os gregos faziam uma série de exigências para uma pessoa se tornar cidadã: ser homem, ter entre os sete a vinte anos de idade para ser instruída, estar entre as camadas ricas, etc. Isso nos mostra o quanto o povo grego não se sentia responsável por todos daquela comunidade e não garantia a eles a inserção dentro da sociedade.

Jesus está em uma comunidade de característica judaica, que sofreu traços do império greco-romano. Mesmo assim, na religião judaica, tínhamos o traço do envolvimento político e o fato de que era a própria religião que se encarregava de determinar as normas a serem vividas pela sociedade.

2.2 A Sagrada Escritura como fonte educadora: ações de Jesus em seu novo fazer pedagógico

Dentre tantos temas da Sagrada Escritura que poderíamos destacar aqui, como sinal da pedagogia do amor instaurada por Jesus, escolhemos tratar sobre o tema do שבת (hebraico-*shabbat*, sábado). Por exemplo, uma das normas daquele tempo, presente no livro do Levítico (cf. Lv 23,3), era guardar o sábado, o dia do descanso, e não era permitido trabalhar nesse dia: “Durante seis dias se trabalhará, mas o sétimo dia será dia de repouso completo, dia de santa

assembleia, no qual não fareis trabalho algum. Onde quer que habiteis, é sábado para Iahweh.” (Lv 23,3).

Na perícopes de Lc 14,1-6, vimos Jesus como um transgressor da lei por fazer a cura de uma pessoa hidrópica (alto inchaço) no dia de sábado:

Certo sábado, ele entrou na casa de um dos chefes dos fariseus para tomar uma refeição, e eles o espiavam. Eis que um hidrópico estava ali, diante dele. Tomando a palavra, Jesus disse aos legalistas e aos fariseus: “É lícito ou não curar no sábado?” Eles, porém, ficaram calados. Tomou-o então, curou-o e despediu-o. Depois perguntou-lhes: “Qual de vós, se seu filho ou seu boi cai num poço, não o retira imediatamente em dia de sábado?” Diante disso, nada lhe puderam replicar. (Lc 14,1-6)

Nesta perícopes acima, temos claramente qual o posicionamento de Jesus em meio às pessoas marginalizadas, as pessoas que sofrem. A lei não está acima da caridade, da justiça e da paz. Jesus, ao curar um paralisado (cf. Jo 5,1-9) ou até mesmo uma mulher hemorroíssa (Mc 5,21-34), não traz só a saúde para a pessoa, mas traz de volta a dignidade de se reestabelecer na sociedade, pois eram pessoas consideradas como impuras e quem as tocasse ficaria impuro. Isto era tido como um castigo pelos pecados cometidos ou, se o problema fosse de nascença, como um castigo aos pecados dos pais.

Jesus nos dá a conhecer aquilo que vem do Pai e por isso ele nos chama de amigos e nos exorta a amar uns aos outros (cf. Jo 15,1-17). A pedagogia do amor é a nova dialética que transcende todo e qualquer espaço geográfico, toda e qualquer lei imposta. O olhar de Jesus é para a humanidade, ou seja, ele olha para o ser humano, por isso a sua pedagogia do amor não é uma pedagogia do amor de fraternidade, não é uma pedagogia de amor religioso, não é uma pedagogia do amor parental, é uma pedagogia do amor da humanidade! Jesus defende uma pedagogia humanizadora e humanizante! Então, nessa perspectiva, a pedagogia do amor é uma pedagogia de valorização do ser humano.

Ao convocar seus discípulos para pregar a Boa Nova a todos os homens, afirmando que estaria presente com eles todos os dias, até o fim dos tempos, Jesus inaugura uma nova atitude pedagógica. [...] Trata-se de ensinar a todos, ensinar a própria Fé, todos os que quiserem crer serão salvos, a Fé deriva da catequese, da pregação, do testemunho, da prédica, da palavra, do convencimento, pelas palavras e pelas obras. Jesus cria e solidifica, com sua pessoa e atuação, uma nova Paideia, um novo ideal de Vida e de Educação. (NUNES, 2018, p. 73)

Como um novo ideal de vida e de educação, “Jesus se define como Mestre, pois ‘ensinava a todos’, conforme inúmeras passagens evangélicas (Mt 4,23; Lc 19,47; Lc 21,34-38). A relação entre a *missão* de Jesus e sua prática de *ensinar* parece sempre muito próxima” (NUNES, 2018, p. 72). A partir dessa premissa, “ensinai a todos”, Jesus convoca todos os seus discípulos a darem o prosseguimento de sua ação salvífica a partir de sua proposta pedagógica.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que, temos a ascensão da *paideia* cristã como um modelo inédito de uma proposta pedagógica com o objetivo de formar o homem de maneira integral, em todos os aspectos da vida humana, porém, sendo educado, agora, também pela fé, uma vez que, através dela, o homem é direcionado à conversão e à salvação, essas que são virtudes universalistas, pois Jesus traz esse recurso para todos os homens, para a libertação de seus pecados.

Assim, o cristianismo chega de forma diferenciada, diferente de todas as religiões daquela época, chega com uma meta a ser cumprida: ensinar a todos, ensinar tendo como base o método de Cristo, a pedagogia do amor. A inclusão é a base para que todos possam ter acesso à graça de Deus, à conversão e à salvação. Assim, o maior exemplo dessa pedagogia do amor foi quando, por amor, deu a sua vida na cruz e morreu por todos nós, para a salvação dos nossos pecados.

4 REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2012.

FREITAS, Charles Lamartine de Sousa. A influência da concepção de educação grega na constituição histórica da *paideia* cristã. In: **Filos. e Educ.**, Campinas, SP, v.10, n.2, p. 287-309, maio./ago. 2018.

NUNES, César. **A pedagogia cristã: ensinar a todos, aprender pelo amor**. In: DASSOLER, Olmira Bernadete. *Escolas católicas: uma gestão em rede para a longevidade da obra*. Curitiba: Positivo, 2018.

SILVA, Nerivan Ferreira. **A metodologia pedagógica de Jesus**. Disponível em: http://christintheclassroom.org/vol_29/29cc_303-320.pdf. Acesso em: 20 mai. 2020.